

## Um circuito confessional na obra de Visconde de Taunay

Profa. Dra. Sheila Dias Maciel<sup>1</sup> (UFMT)

### Resumo:

*Reflexão sobre uma parcela da obra de Visconde de Taunay que foi deixada de lado pela crítica provavelmente por ter sido escrita a partir de uma pulsão autobiográfica. As obras Memórias (1948); Diário do Exército (1869); Scenas de viagem (1868) e Irecê a guanã (1874) formam um variado circuito confessional na trajetória literária de um autor de reconhecida importância. Por meio das teorias do gênero confessional DIDIER (1991); LEJEUNE (1994); GIRARD (1996) indica-se a necessidade de revisão deste circuito e do valor de conjunto que, até então, foi negado ao escritor.*

**Palavras-chave:** Confissão, Visconde de Taunay, Revisão crítica, Inclusão.

### Introdução

A crítica a autores e obras da literatura brasileira não se encontra plenamente sistematizada. Neste âmbito há ainda muito por ser feito dentro do panorama dos estudos literários no Brasil. Mesmo a reflexão sobre a produção literária do passado oitocentista ainda não está acabada e merece ser retomada a luz de novos conceitos e teorias. Hoje, que já não cremos apenas em grandes narrativas legitimadoras, seria importante que indagássemos o porquê da falta de informações relevantes sobre a obra diversificada de Visconde de Taunay.

O nome de Visconde de Taunay (1843-1899) não é isento de significado para o cânone literário. De fato, quando pensamos nos expoentes da literatura do período romântico e da transição para o Realismo, não se pode excluir o nome de Taunay, que descreveu com apuro literário tanto os aspectos naturais quanto os tipos e os costumes do Matto Grosso que conheceu durante suas expedições militares. Representação considerada como esteticamente verdadeira do sertão e da vida sertaneja no Brasil central.

Apesar da importância do nome de Taunay, sua vasta obra não foi suficientemente estudada. apenas dois romances, *Inocência* (1872) e *A retirada da Laguna* (1871), possuem fortuna crítica relevante. Para o restante da obra há, no mais das vezes, uma lacuna crítica. Segundo Bosi nada mais fez que se comparasse sequer à realização de *Inocência*: “Voltando-se para o romance de ambiente urbano e grã-fino, decaiu ao nível da sublitteratura francesa da época, sem que as qualidades de observador lhe compensassem a perda do fôlego” (BOSI, 1989, p.161). Segundo Lúcia Miguel-Pereira “*Inocência* é, sem dúvida, o melhor romance de Taunay, muito superior aos demais; o que lhe marca um lugar na nossa literatura” (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p.669).

Os teóricos citados apenas comentam a superioridade do romance *Inocência* em relação às demais obras de Taunay. Todavia, além dos romances reconhecidamente aceitos, há ainda uma parcela de sua obra que é deixada de lado provavelmente por pertencer a gêneros considerados menores dentro do universo da Literatura e suas possíveis classificações. As obras *Memórias* (1948); *Diário do exército* (1869); *Scenas de Viagem* (1868) e *Irecê a Guanã* (1874) promovem um circuito confessional que mereceria atenção especial por parte da crítica. Olhar para uma parcela aparentemente esquecida da obra de um autor de reconhecida importância para refletir sobre os níveis de ficcionalidade e de valor literário destes textos selecionados é um ponto de partida para que seja efetuada uma possível revisão do valor de conjunto que, até então, foi negado ao escritor.

Espera-se que novas informações sobre a obra do escritor consagrado possam aparecer no circuito dos estudos literários. É importante, sobretudo, que não sejam abandonadas ao esquecimento as obras que a historiografia literária acaba por excluir, seja pela falta de pesquisas na área, seja pela necessidade de condensação que o estudo temporal das literaturas nacionais faz supor.

## 1. As formas da confissão

O gênero confessional, ou literatura confessional, engloba várias formas literárias dotadas de estatuto próprio, como as memórias e o diário. Apesar de serem formas com uma longa história de utilização, foram, por muito tempo, deixadas de lado em favor da **verdadeira literatura**. Estamos vivendo num tempo, no entanto, em que as formas narrativas menos tradicionais vêm ganhando espaço no gosto da maioria dos leitores e passam a receber atenção especial por parte da crítica.

Existe uma diversidade de textos escritos sob a égide da confissão e a pluralidade de formas narrativas utilizadas para a urdidura desses gêneros de fronteira pode ser percebida quando passamos nossos olhos pela relação dos quase quarenta títulos publicados por Taunay. Entre os títulos selecionados pode-se, *a priori*, reconhecer o uso da forma do diário, da memória e da autobiografia, formas narrativas que podem ser recebidas como textos ficcionais, posto que, qualquer que seja a narrativa, sempre teremos a realidade recriada e filtrada pela linguagem.

Como acreditamos que não seja a forma narrativa que determina o nível ficcional do texto, mas o uso que cada escritor faz destas formas, é necessário que investiguemos, em primeira instância, os níveis de ficcionalidade destas obras diversas.

Além de serem textos ficcionais com níveis de ficção diferentes, as obras de Taunay selecionadas gravitam em torno do conceito de confissão, ou seja, de textos ficcionais que tratam de questões relacionadas a uma forma de desvelamento do ser que tem relação com aspectos de uma realidade extra-textual. Dentre as formas narrativas usadas como suporte para textos confessionais podemos citar, como exemplo, o diário, ou diário íntimo.

### 1.1 As singularidades da forma diário e o *Diário do Exército*

Hoje, a forma do diário assumiu uma singular expansão. Segundo Girard, parece que todos têm em reserva, para o presente ou para o futuro, caixas inteiras de papéis que mostram “*su corazón al desnudo*” (1996, p.31). De fato, antes de se converter em moda, também o Visconde de Taunay redigiu um diário, menos íntimo, no entanto, do que a maioria destes textos.

Para Béatrice Didier (1991), o diário, que poderia parecer o refúgio do indivíduo e o lugar privilegiado do segredo, é, de fato, um gênero muito aberto à presença do outro ou do mundo ao redor. Tudo pode se converter em diário. Desde o momento em que ele deixa de ser unicamente um discurso introspectivo, passa a servir como receptáculo de vários pólos, praticamente sem limite temático.

O diário produzido por Taunay está vinculado a duas vertentes da escrita diarística ligada à própria mensagem que veicula. Trata-se, ao mesmo tempo, de um diário de guerra e de um diário de viagem. Essas formas de diário são, de um modo geral, formas narrativas ligadas à origem desta escrita. Quando genuínos, escritos com regularidade durante um período, tendem a assemelhar-se à tradição, escritos sob a marca da diferença de espaço ou de situação.

O *Diário do exército* é um relato marcado por um deslocamento tanto espacial (as distâncias percorridas na campanha contra o Paraguai), quanto situacional (de intelectual de formação sólida, amigo da Corte, a militar do batalhão de infantaria, passando fome e frio como os demais integrantes da tropa).

O *Diário de Exército*: de 1869 a 1870, de Campo Grande a Aquidabã / A Campanha da Cordilheira, possui 306 páginas e foi publicado pela editora Brasileira do Exército, BIBLIX. A obra é dividida em três partes: o Prefácio e a Prefação; “A campanha da Cordilheira” e, por último, “De Campo Grande a Aquidabã”. O texto é composto segundo a forma da clássica datação, ou seja, a anotação do transcurso dos dias tem como apoio o calendário, mesmo quando não há o que dizer: “Não houve novidade”, “Nada houve de importante”, “Não ocorreu novidade”, “Não houve ocorrência digna de nota”, “Não se deu fato algum notável”, “Nada de novo se deu”.

Escrito sem pretensão literária, para fornecer dados ao exército sobre os acontecimentos da guerra, o diário era menos um interesse do autor que uma função atribuída a ele pelo Conde D'Eu, comandante da expedição. Para Taunay, trata-se de um texto menor: “neste mirrado trabalho, feito às pressas, impresso do mesmo modo, e puramente oficial, caráter que impossibilita os desenvolvimentos tão necessários à apreciação dos sucessos de uma guerra.” (TAUNAY, 1958, p.09). Apesar da negação do autor quanto ao valor deste diário, encontramos no texto, ao lado de trechos meramente informativos, que servem apenas como subsídios para as estratégias militares, a mesma capacidade descritiva que valeu a Taunay o título de **descritor** (BOSI, 1989, p.160).

Nessa obra Taunay não deixa de lado a sua minúcia, que é constante, carregada por descrições do cenário e, muitas vezes, escrita por uma linguagem poética. A descrição dos relevos e das matas permite aos leitores saborear o espaço:

Na verdade, aí se forma uma espécie de garganta, depois da qual começam campos profundamente dobrados, morrotes mais ou menos chegados até o Sapucaí que é um ramal da cordilheira e que pode ser considerado como outeiro divisórios dos novos vales de Paraguari (Lagoa Iporá) e Ibitimi (Tebiquari).

De Piraiu a Paraguari os terrenos são planos: os aspectos, os mesmos que os anteriores; notando-se em alguns pontos da várzea os carandás, cuja palmas flabeladas é tão elegante. Do lado ocidental do caminho, continuam a se mostrar pitorescas taperas rodeadas, como sempre, de magníficos e umbrosos laranjais. (TAUNAY, 1958, p.119-20)

Quanto à escrita dos fatos ligados à guerra, o tom é sempre mais seco, ou, talvez se possa dizer, menos literário. São relatadas as expedições; as mortes provocadas pelos confrontos das tropas brasileiras contra a oposição; a morte de Solano Lopez; os atentados; as viagens longas e difíceis; os rios; a cavalaria; os barcos; os portos aonde chegavam os alimentos; as bombas; as más condições de saúde dos soldados e dos animais; a escassez de alfafa e milho; as cartas de instruções; a planilha de relações numéricas de tropa, oficiais, mortos, feridos, comidas etc.

A narração acompanha estas notas:

Durante toda a noite choveu copiosamente: o dia quase inteiro foi de aguaceiro e só à tarde é que o tempo começou a levantar.

As necessidades das tropas são bastante sérias. A nutrição insuficiente, seguindo-se sem transição à outra habitualmente substancial, traz imediatas consequências mórbidas a que resistem melhor os organismos já depauperados.

Assim, pois, vêm-se soldados, desesperados de fome, mostrarem sinais repentinos de grande sofrimento; outros mais resolutos lançam mão do palmito de jeribá, cuja palha ainda são obrigados a carregar para darem aos animais algum alimento. (TAUNAY, 1958, p.203)

Para a teórica Béatrice Didier (1991), uma das marcas do diário é o funcionamento do texto em condições bem particulares em que as exigências estéticas são praticamente inexistentes e onde a criatividade manifesta-se em estado bruto. Por esta ótica, o *Diário do Exército* está escrito dentro das expectativas do gênero. Transitando entre uma crônica de marcha e uma espécie de cárcere para seu escritor, o texto do diário, por trás de sua aparente aridez, comporta inúmeras questões que passaram despercebidas pela crítica, sobretudo quando pensamos na relação entre estas notas diárias e a escrita de *A retirada da Laguna*.

## **1.2 As singularidades da forma memórias e as Memórias de Taunay**

A escrita em forma de memórias é a parcela da literatura confessional mais reconhecida como puramente literária, muito provavelmente pela maior liberdade imaginativa que a ela está vinculada. Distanciada dos fatos, as memórias são um retorno impreciso por parte de um eu-narrador com o

intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve. Em geral, nas memórias temos um “eu” que quer tirar do passado uma leitura do mundo.

Esta concepção de memória como confissão de lograda veracidade não é própria do século XIX. Naquela época, impulsionados pelo avanço do Positivismo, os escritores cultuavam a idéia de verdade e de método.

A obra *Memórias* foi reeditada em 2005, pela editora Iluminuras, com 592 páginas, divididas em nove partes: agradecimentos, prefácio da edição, “À guisa de intróito” (parte específica das *Memórias*), “Primeira parte (1843 - 1858)”, “Segunda parte (1858-1865)”, “Terceira parte (1865 - 1869)”, “Quarta Parte (1869 - 1870)” e a “Quinta Parte (notas esparsas)”. A obra apresenta ainda um “Glossário” e uma “Cronologia da vida e da obra”.

Segundo Sérgio Medeiros, na introdução do texto reeditado das *Memórias*: “esta edição das *Memórias* do Visconde de Taunay reproduz o texto da edição *princeps*, de 1948, publicada 50 anos após a morte do autor, conforme sua vontade”. (2005, p. 09). Taunay declarara que estas *Memórias* só poderiam ser entregues à publicidade depois de completos cem anos de seu nascimento, ou cinquenta anos após sua morte, pois nessa circunstância ele estaria em lugar seguro. Apesar disto, suas memórias se assemelham a um compósito de outros textos que já tinham sido publicados anteriormente, sobretudo em periódicos.

Em aproximadamente 1890, Taunay inicia os escritos de suas reminiscências, que culminam com a elaboração de *Memórias*. Os acontecimentos que compõem a história, talvez pela distância que esses fatos já tenham do acontecido, são narrados de uma perspectiva isenta da dramaticidade do presente. A impressão causada é que, ao rescrevê-los, Taunay apenas apresenta um quadro do qual não mais participa.

Mesmo concebendo a interferência do presente na construção das suas memórias, o escritor parece querer dominar esta impossibilidade de narrar a própria vida “com o seguimento que tiveram os fatos” e transformar a impossibilidade em método: “Terei, assim não poucas vezes, de retroceder sobre os meus passos”. Talvez esta convicção em seguir um método preciso seja a marca estrutural da escrita de Taunay, apesar de o escritor afirmar que “neste livro de memórias, o prazer do espírito é o meu grande incitamento” (TAUNAY, 2005, p. 313).

É dentro deste molde científico e segundo estas considerações que o tema das memórias, como suporte de *verdades* que o escritor quer deixar à posteridade, aparece em Taunay, segundo uma perspectiva de verdade e de exatidão, próprias do século XIX. As *Memórias* foram escritas antes da sacralização da memória, antes da compreensão contemporânea que visa a derrubar fronteiras e não a fechar as disciplinas entre muros sólidos.

O texto de Taunay, escrito durante um momento de difusão positivista da ciência, assemelha-se a esta busca rigorosa pelos fatos do passado, mas numa perspectiva ímpar: o escritor narra segundo um método e uma idéia de veracidade dos fatos, porém não incorpora os valores republicanos que esta forma filosófica de pensar assumiu em terras brasileiras.

Todo o teor positivista das suas recordações está impregnado de uma forma de reconhecimento e gratidão ao regime que findava. Aos olhos de hoje, podemos reconhecer na largueza das anotações de Taunay não o que ele pensou estar escrevendo: as memórias genuínas de quem viveu o Segundo Império e grande parte dos momentos importantes a ele relacionados, mas a visão única de um narrador que, num momento de crise, volta ao passado para reconhecer, entre os feitos da Monarquia constitucional, os acertos que o presente nega.

Para tanto, usa, diversas vezes, de um recurso narrativo que parece unir as duas pontas de um novelo em que a linha principal é o desdobramento político do Brasil. Vejamos, por exemplo, as considerações que aparecem no item XVIII, da primeira parte. As recordações partem do dia da

entrega de prêmios no sétimo ano do colégio Pedro II, momento do enunciado, para o momento da enunciação:

COMO PODERIA eu, (entre parênteses) conciliar toda essa série de gratas reminiscências, tão suaves ao meu espírito e que rodeiam a idéia de monarquia de tamanho prestígio, como sagradas tradições, com a atual ordem das coisas? Não, não; é de todo impossível! Fora o abandono vil e miserável dos melhores e dos mais puros sentimentos, que se aninham no peito humano. A outros, que não experimentaram, desde criança, o influxo de tantas impressões, a volubilidade de opiniões. (TAUNAY, 2005, p. 61)

Adiante destas considerações, o escritor acrescenta, profeticamente: “Que tristíssimo e deprimente fato da nossa história e quão dura há de ser para o Brasil inteiro a expiação!” (TAUNAY, 2005, p. 61). Afora estas considerações que dão o tom da posição política do escritor, o texto das *Memórias* é um extenso e colorido painel que se apresenta, ao leitor de hoje, cheio de surpresas, como, por exemplo, que o próprio D. Pedro II assistia a todos os exames no colégio que criara (TAUNAY, 2005, p. 58), que o menino Taunay recebeu aos quinze anos o grau de bacharel em belas-letas, no dia 24 de dezembro de 1858 (TAUNAY, 2005, p. 59), após ter sido reprovado no sexto ano; que seu professor de História no colégio D. Pedro II era ninguém menos que o primeiro romancista do Brasil: Dr. Joaquim Manuel de Macedo (TAUNAY, 2005, p. 56); que o futuro escritor quis aporuguesar seu nome para Alfredo Escranhóle Toné, mas foi dissuadido por seu pai (TAUNAY, 2005, p. 63).

A extensão dos acontecimentos e a representatividade que comportam tanto no âmbito nacional quanto no pessoal fazem da narrativa das *Memórias* um texto ímpar. Por ele temos acesso a tantos detalhes da história política da Monarquia, quanto de seus membros, além de ser um vasto painel, bem escrito, de um longo período da história brasileira. A referencialidade da narrativa, a nosso ver, no entanto, não a exclui de um caráter literário, posto que a maestria técnica do escritor garante ao texto o vigor da narrativa literária em tom de memórias.

Mesmo sendo um texto anterior à sacralização da memória que viria com o séculoXX, reconhecemos nele o mesmo ímpeto de difusão de informação que é marca atual destas narrativas. A diferença é que, chegada a República, Taunay quis lançar para o futuro a sua visão do passado, mantendo-a, na medida do possível, isolada do presente, usando, para tanto, a arca de sigilo.

### **1.3 As singularidades do conceito de autobiográfico em *Scenas de viagem* e no conto “Ierê a guanã”**

Além do conceito clássico de autobiografia apresentado por Philippe Lejeune, que a descreve como um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase na sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade (1994, p.50), pode-se falar de uma extensão maior de textos escritos sob uma pulsão autobiográfica e que podem apresentar feições muito diferentes entre si. Nesta perspectiva, podemos comentar tanto *Scenas de viagem*, quanto o conto “Ierê a guanã”, publicado inicialmente na obra intitulada *Histórias Brasileiras*.

Apesar do uso do narrador externo nas duas obras, é reconhecível, nos textos, o mesmo pólo difusor das demais obras apresentadas: o senso de observação de quem viveu aquela paisagem e aquele meio descritos. Se em ambos a recusa do uso da primeira pessoa dentro das narrativas afasta inicialmente a idéia de autobiografia, o conjunto da obra e o conhecimento da trajetória do escritor acabam por devolver a estas obras a noção de relatos realmente vivenciados.

O livro *A campanha do Matto Grosso - Scenas de Viagem* foi o primeiro publicado após o retorno de Matto Grosso para o Rio de Janeiro. A primeira edição data de 1868, com 189 páginas, publicada pela Typographia Americana. A segunda edição ilustrada é composta por 210 páginas e foi publicada em 1923 pela Livraria do Globo Irmãos Marrano-Editores.

O livro é composto por doze capítulos, acrescidos de um “Vocabulário da Língua Guaná ou Chané”, “Notas”, “Appendice” e alguns desenhos do autor. Quanto à narração, essa se faz na primeira pessoa do plural. O uso do plural de modéstia mascara a presença de um eu e reforça a idéia de um trabalho informativo.

As *Scenas de Viagem* são compostas basicamente por um cunho descritivo. Taunay focalizou principalmente a natureza que se encontrava nas localidades que percorreram: as árvores, frutos, a admiração e o reconhecimento das diversas espécies de plantas que ali se encontravam, até os obstáculos que as tropas enfrentavam, o furioso furacão, os relâmpagos, as águas das chuvas que alagavam tudo e só deixavam à vista o topo de alguns morros, a dificuldade dos animais cargueiros de transitarem, o que tornava cada vez mais uma expedição com muito martírio e dificuldade e a cada chuva reforçava ainda mais a “lembança de que estávamos na estação das águas”. (1923, p.27) São descritos também as passagens, as descidas escorregadias, os pontos encharcados, as erosões provocadas pelos acúmulos de água, as incertezas, as indecisões, como também a grave falta de sal para os animais e a falta de alimento para o grupo expedicionário.

Trata-se de um texto apresentado como verídico: “Procurei tirar à minha narrativa o caracter official. Em muitas ocasiões não pude livrar-me da technologia scientifica, usei de’lla, com parcimônia, e, organizando um trabalho singelo, envidei esforços para que fosse consciencioso e, sobretudo verídico” (1923, p.11), escrito a partir de uma pulsão reconhecidamente autobiográfica e que inaugura a percepção descritiva do escritor, em que o trajeto, na maior parte do texto, encobre a narração propriamente dita da expedição empreendida.

Já o conto “Irecê a guaná” foi publicado em 1874 na obra intitulada *Histórias Brasileiras*, sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte. O conto de 40 páginas (considerado por alguns teóricos como novela) foi republicado em separado no ano de 2000. Em *Formação da literatura brasileira* (1997), Antonio Candido, no artigo intitulado “A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay”, inclui diversas críticas favoráveis à produção literária de Taunay. Dentre elas, a capacidade de descrição do autor e as impressões e lembranças narradas em sua obra por meio de suas experiências de viajante. Quanto ao conto, Candido estabelece comparações entre a índia Irecê e a índia Antônia, descrita por Taunay em seu livro *Memórias* como a mulher que mais amou, e também estabelece comparações entre o conto e a obra *Inocência*. O crítico considera “Irecê a Guaná” “um belo conto, o melhor de quantos Taunay escreveu” (CANDIDO, 1997, p.280).

Uma nova incursão crítica de Antonio Candido pelo conto em questão está incluída na reedição organizada por Sérgio Medeiros. Intitulada “A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay” discorre sobre a combinação de “senso prático e refinamento estilístico” (CANDIDO *apud* TAUNAY, 2000, p.95) que fazem parte do estilo do escritor. Para Candido, o que há em “Irecê a Guaná” é menos o aprofundamento da memória como incursão criadora que o “fruto das impressões de mocidade, e da lembrança em que as conservou” (2000, p. 97).

A obra “Irecê a Guaná” reforça a sensibilidade e a capacidade de Taunay para descrever paisagens, povos e costumes, enriquecendo os estudos da literatura do período romântico-sertanista, como considerou Alfredo Bosi (1989). Para Antonio Candido, no artigo que completa a obra, no conto “perpassa uma ternura e encantamento que o tornam dos bons trechos da nossa prosa romântica” (CANDIDO *apud* TAUNAY, 2000, p. 104).

Obra ficcional de valor explicitamente literário, possui um narrador externo à trama e um protagonista apresentado pelo nome de “Alberto”, que se assemelha ao próprio “Alfredo” do escritor. No conto, Alberto vive uma relação amorosa com uma índia, assim como o próprio Taunay afirma ter se relacionado com uma índia de nome Antônia. Nessa relação estabelecida entre Alfredo e Alberto, Antônia e Irecê, Literatura e Vida, está a base para compreendermos a trajetória literária de Taunay: escritor que produziu seus melhores textos a partir de uma vivência diferenciada dos

demais escritores de sua época – o contato realmente experienciado com uma parte desconhecida do país. Como salienta Walter Benjamin (1986) em seu tratado sobre o narrador: quem viaja tem muito para contar.

## **2. O circuito confessional: relações**

As obras de Taunay estão ligadas umas às outras, sobretudo pela temática ora da guerra, ora de uma forma de desbravamento do Brasil central. A partir “do rico manancial recolhido, de documentação humana, impressões de personalidade e acontecimentos” (2005, p.22), Taunay produziu obras de diferentes feitiços narrativos, mas que podem ser avaliadas também segundo a idéia de confissão. O circuito sugerido nestas explanações indica uma das facetas do trabalho literário do escritor, que soube adequar seu repertório a distintas formas narrativas.

Por meio de seu fluxo de memória, o escritor costura as histórias desenvolvidas com diferentes fios de ficcionalidade. É a diversidade que chama a atenção neste circuito. Muito provavelmente o texto em que a expressão dos conteúdos de ficção menos está presente é o *Diário do Exército*, pois o talento do escritor segue à mercê do projeto militar. Na outra ponta deste recorte pode-se considerar que está “Irecê a guanã”: conto em que a transfiguração criativa acrescenta à origem vivencial um viés muito diverso.

Entre estas duas pontas, e não por acaso, encontram-se a primeira e a última obra do autor. A primeira, *Scenas de viagem*, que inaugura o talento descritivo de um escritor construído em marcha, e a derradeira, *Memórias*, fruto das reflexões de um “Eu” já possuidor de um nome e de uma obra, que deixa para a posteridade uma narrativa singular em que a urdidura do enredo se mantém à altura do nome que a produziu.

## **Conclusão**

O objetivo das explanações aqui apresentadas não foi empreender uma revisão crítica deste recorte, mas apontar a necessidade de examinar as obras em questão, vistas segundo uma perspectiva confessional. Existe um circuito confessional na obra do escritor que não foi devidamente revisito. Com isso, afirmamos que a crítica literária ainda não organizou a contento toda uma produção do passado oitocentista brasileiro, da qual essas obras fazem parte.

Surdos a esta necessidade de sistematização, os programas de pós-graduação no país parecem fugir, hoje, dessa necessária revisão e se lançam, cada vez mais, a questões interpretativas que os estudos culturais acabam por diluir nas propostas panorâmicas e de pouca preocupação com o caráter de literário que devia reger os estudos na área.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov.” In: -----, *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 2 ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- [2] BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- [3] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Vol. 2. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- [4] DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. 2 ed. Paris: PUF, 1991
- [5] GIRARD, Alain. “El diário como género literario”. In: REVISTA DE OCCIDENTE: El diario íntimo. Fragmentos de diarios españoles (1995-1996). Madrid: Fundación José Ortega e Gasset, n.182-183, jul./ago. 1996. p.31-38.

- [6]LEJEUNE, Philippe. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Trad. Ana Torrent. Madrid: Megazul-Endymion, 1994.
- [7]MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- [8]TAUNAY, Alfredo d'Esgragnolle. *A campanha de Matto Grosso: Scenas de viagem*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1989.
- [9]\_\_\_\_\_. *Diário do Exército*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.
- [10]\_\_\_\_\_. *Irecê a Guaná*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- [11]\_\_\_\_\_. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- [12]MEDEIROS, Sérgio. As vozes do Visconde de Taunay. In:\_\_\_\_\_. *Irecê a Guaná*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

---

**Autor(es)**

<sup>1</sup> **Sheila DIAS MACIEL, Profa. Dra.**  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
Departamento de Letras  
[sdmaciel@terra.com.br](mailto:sdmaciel@terra.com.br)